

OFERTA

Agradecido

SA
24861/13

J. A. PIRES DE LIMA



Notas de Filosofia a n a t ó m i c a

Introdução a uma obra inédita

R. 142455

/

SEPARATA DO

Jornal de Médico

N.º 89 DE 1944

J. A. Fries de Linn.

Notes de l'histoire
naturelle de la France

introductions à une œuvre importante

1855

Paris, chez la Citoyenne

No célebre tratado «Da utilidade das partes do corpo humano», pelo qual aprenderam anatomia e fisiologia todos os médicos, durante perto de mil e quinhentos anos, no célebre tratado ensinava Galeno que o corpo era o instrumento da alma, e dela dependia a utilidade de tôdas as partes do corpo.

Como Aristóteles e a maior parte dos pensadores da Antiguidade clássica, o grande médico de Marco Aurélio aceitava e ensinava a doutrina filosófica das causas finais, mais tarde adaptada ao Cristianismo por S. Tomás de Aquino.

É com a maior emoção que lemos os capítulos de Galeno sôbre a utilidade da mão humana, o mais perfeito dos instrumentos criados pela divindade. Com as mãos faz o homem os seus vestidos, as suas casas, os seus instrumentos, tornando-se, dêste modo, senhor de todos os animais que vivem na terra, no ar e no seio das águas.

«O homem, diz Galeno, feito para a paz assim como para a guerra, com as mãos escreve as leis, levanta aos deuses altares e estátuas, constrói um navio, fabrica uma flauta e uma lira, forja uma faca, tenazes e instrumentos de tôdas as artes. Nos seus escritos deixa memórias, graças às quais, por obra das mãos, podemos conversar sempre com Platão, Aristóteles, Hipócrates...».

Nos últimos séculos, a filosofia materialista fez abalar a doutrina clássica das causas finais, que chegou quási a desaparecer da biologia. O principal arauto do

livre pensamento em Portugal, Miguel Bombarda, levou ao maior extremo a luta contra o espiritualismo.

Apenas iniciados os meus estudos médicos, dois amigos íntimos ofereciam-me um livro, que muito veio perturbar a minha educação filosófica. Refiro-me à obra, então célebre e hoje felizmente esquecida, do Professor Miguel Bombarda: «A consciência e o livre arbítrio».

Nêle se expunha a doutrina do monismo, que outro escritor da época (Sampaio Bruno) resumia nestas palavras: «O universo compõe-se de átomos inteiramente iguais, dotados de duas propriedades — uma interna, o *sentimento*, e outra externa — o *movimento*. O número destes átomos é infinito, e, daquelas suas duas propriedades originárias, inseparáveis, resulta todo o *desenvolvimento*».

Bombarda levou mais longe esta concepção hegeliana, pois afirmou que a própria consciência é universal, porque universal é a força, é o movimento, é a vibração.

A consciência psíquica, remata, cada vez mais entusiasmado, Miguel Bombarda, não é senão a consciência dos átomos».

E proclama que o monismo é uma religião, depois de assegurar que «a concepção monista do universo é a mais grandiosa que tem levantado o génio dos homens».

Para os monistas, o homem não tinha liberdade de proceder — era um verdadeiro automático, que se movia à mercê dos motivos.

Não tinha responsabilidade: por isso, tinha de ser suprimida a moral cristã. Os nossos órgãos não tinham sido preparados para exercer funções. Não tínhamos pernas para andar, nem olhos para ver. Pelo contrário, nós andamos e vemos porque o acaso da evolução fez aparecer os músculos, os nervos e os olhos. Tudo foi acaso na evolução dos átomos eternos, infinitos e invariáveis... Calhou assim!

Termina Bombarda o seu livro deste modo:

«É fazer socialismo? Será. Porque não? se o socialismo está na evolução fatal da humanidade, se é precisamente no socialismo que sorri a aurora da renascença do homem e começa a entreabrir-se uma era de justiça e de solidariedade, uma era de condenação de todos os egoísmos!»

Isto disse Miguel Bombarda em 1896.

Coisas semelhantes diziam então Haeckel, na famosa e já revogada «lei biogenética fundamental», Büchner, Letourneau, Zola, a fina flor dos cientistas e dos literatos, todos tão caros às minhas leituras de há meio século.

Há anos, em Paris, lamentava, diante de um excelente colega, a falta de moral que ali reinava, e obtive esta resposta: «A moral é uma léria inventada pelos burgueses...».

Passaram os anos e já os Parisienses reconheceram os inconvenientes da falta de moral.

E já os europeus civilizados vão vendo as belezas do socialismo, em que *sorri a aurora da renascença do homem...*

Neste meio século, grandes transformações sofreram a física, a química, a biologia.

Que é feito dos átomos eternamente invariáveis?

Que é feito do determinismo psíquico, tão querido aos sábios que perverteram o meu cérebro de adolescente?

Nas minhas inolvidáveis excursões pela Europa culta, onde tomei parte em vários congressos da *Association des Anatomistes*, tive a honra de me relacionar com alguns dos mestres da biologia moderna.

Os demolidores das idéias monistas e transformistas contam-se, com efeito, em grande parte, entre os membros daquela Associação.

O seu secretário geral, Rémy Collin, diz algures que «a teoria da evolução só pode tornar-se racional a partir do momento em que sobrepõe uma interpretação finalista à explicação mecanista corrente».

E o grande biologista Vialleton, na sua obra «A Origem dos seres vivos», considerada o seu testamento

científico, termina dizendo que setenta anos depois do aparecimento do livro retumbante de Darwin, as pesquisas e reflexões que êle suscitou vieram demonstrar a impotência do darwinismo para explicar a formação do mundo vivo apenas com o auxílio das forças naturais.

«Foi posta em plena luz a ilusão transformista», proclama Vialleton.

Poucos anos depois do aparecimento desta obra, no Congresso de Londres da *Association des Anatomistes*, em amena conversa com Brachet, disse-me o célebre biologista belga que precisavam de ter o maior cuidado os cientistas, na criação de novas teorias. Antes de elaborar as suas hipóteses, tinham de estudar profundamente os factos, para evitar futuros malôgros.

Rouvière, professor de Anatomia na Faculdade de Medicina de Paris, afirma, em obra recente (*Origine des formes et des structures anatomiques*), que as excitações físicas ou químicas contribuem para o desenvolvimento, no organismo, de modificações de forma e de estrutura, mas não bastam para explicar as adaptações.

Acredita Rouvière, e muitos biologistas modernos numa força ou energia vital formadora, que se confunde com o conceito de finalidade.

Outro dos meus confrades da Associação dos Anatomistas, Eugénio Bujard, actual reitor da Universidade de Genebra, disse, por ocasião da abertura das aulas, em 20 de Outubro de 1942, que hoje era razoável pensar que existe realmente o livre arbítrio individual, que o destino humano tem um fim, e que nós podemos contribuir para a sua realização.

Na sua oração *De Sapientia*, Bujard terminou:

«Parece-me que a biologia moderna, libertando-se das regras do *determinismo integral*, nos outorga a liberdade de pensamento e, com ela, o entusiasmo necessário para o esforço intelectual, indispensável à investigação científica».

Em cincoenta anos, lá vai o determinismo, tão caro

a Miguel Bombarda, lá vai a teoria atômica, lá se vai afundando o transformismo, com os seus exagêros...

E podemos ler, no final da obra de outro grande sábio (Collin — Message social du savant, Paris, 1942):

«Os sábios que fazem ciência suportam o pêso e a honra de grande responsabilidade social.

Pioneiros da Verdade, admirados pelo seu poder de actuar sôbre a natureza, investidos, por esta admiração unânime, de um crédito espiritual ilimitado, têm o direito de contribuir para a felicidade dos homens, restituíndo à Ciência a sua fisionomia autêntica, que é iluminada por um reflexo da face do próprio Deus».

Estamos a assistir ao renascer do espiritualismo de Aristóteles, de Galeno, de S. Tomás de Aquino.

E podemos já proclamar, sem ofensa à magestade augusta da Ciência, que Deus nos deu uma cabeça para pensar e duas mãos para trabalhar.



COSTA CARREGAL

PÔRTO